

Num périplo que começa com Alexandre, o Grande, e termina na actualidade, sem perder de vista Pessoa e o sonho do Quinto Império, ao qual, na óptica do poeta, o próprio Alexandre não é estranho, vai-se tentando demonstrar que, tal como reza o Eclesiastes, "há um tempo para destruir, e um tempo para edificar de novo [...]" e que a nossa maior riqueza são "os outros", aqueles de quem praticamente herdámos o que hoje somos, por ser do seu inestimável testemunho que se faz a História do Mundo.

Em suma, não é por acaso que as Bibliotecas estão entre as grandes realizações da Antiguidade, nem é por acaso que constituem, do ponto de vista dos grandes investimentos dos finais do séc XX / inícios do séc XXI, concretizações importantíssimas.

Que sempre foi a escrita o processo por excelência de tentar preservar a memória e a impedir de "cair" no esquecimento e que, conseqüentemente, é do que foi ficando registado nos livros que muito dependemos para avançar nessa tarefa sempre inacabada, quiçá utópica, de perceber a condição humana, não restarão dúvidas substanciais.

Assim, pois, chegámos às Bibliotecas-guardiãs e difusoras do conhecimento; das Bibliotecas de pedra, de cimento, de vigas e de vidro às Bibliotecas de bytes, nada mudou na essência.

É a partir desta ideia que se pretende iniciar uma "viagem" entre a Antiguidade e o ano de 2010, com "paragens" nas mais importantes "catedrais do saber", onde vultos conhecidos recebem os viajantes.

Concluindo, e tendo em mente uma perspectiva alargada da história da destruição dos livros, o que se visa é demonstrar que se sempre houve homens resistentes e homens comuns, homens indomáveis e homens serenos, homens marcantes e homens de perfil desconhecido, o certo é que todos eles estão nos livros que jamais perecerão.

Palavras-chave: Património; Bibliotecas; Conhecimento; Cultura.